

Tradução & Comunicação

Revista Brasileira de Tradutores

Nº. 26, Ano 2013

Muriel Zerbetto de Assumpção

*Universidade Federal de Santa Catarina
UFSC*

muriel.assumpcao@gmail.com

Luciana Graziuso

*Universidade Federal de Santa Catarina
UFSC*

loevandijk@gmail.com

Thaís Collet

*Universidade Federal de Santa Catarina
UFSC*

thais_collet@hotmail.com

Ina Emmel

*Universidade Federal de Santa Catarina
UFSC*

inaemmel@gmail.com

TRANSLATION AS A PROFESSION

GOUADEC, Daniel. **Translation as a Profession**. 2.ed. rev.
Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
409 p.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 4266
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@anhanguera.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Resenha
Recebido em: 31/05/2013
Avaliado em: 02/10/2013

Publicação: 17 de dezembro de 2013

TRANSLATION AS A PROFESSION foi primeiramente publicado em 2007 e em 2010 foi lançada uma edição revisada. A obra faz parte da Benjamins Translation Library, uma vasta coleção de títulos atuais na área dos Estudos da Tradução.

Daniel Gouadec foi professor da Université de Rennes 2, na França, e, antes de se aposentar em 2010, lecionou disciplinas como Gestão de Projetos de Tradução, Técnicas de Tradução, Terminologia, Terminografia, Tradução Técnica, Tradução Literária, Revisão, entre muitas outras. Também atuou como revisor e tradutor e publicou obras na área de Tradução e Terminologia¹. É com esta experiência que ele analisa a profissão do tradutor num livro que serve como guia para o tradutor profissional e a quem queira seguir na área de tradução.

O livro consta de 409 páginas e está dividido em seis seções e 17 capítulos. Ao final, há um glossário com muitos dos termos mencionados, um índice remissivo para facilitar a busca rápida aos assuntos debatidos e também uma lista com sugestões de sites que são de grande interesse e utilidade.

A primeira seção se dedica a esmiuçar o processo tradutório. O capítulo 1 inicia ressaltando a importância da tradução para a disseminação de produtos, serviços e ideias. Segundo o autor, a tradução faz parte de um segmento milionário e “[...] pode ser vista como uma arma estratégica, econômica, ideológica e cultural [...]”². No entanto, ele reconhece que, apesar de tal importância, é uma atividade muitas vezes reconhecida pelos erros e considerada cara demais.

No capítulo 2, são detalhadas as categorias de tradução, apenas citadas e enumeradas no primeiro capítulo, diferenciando tradução geral de tradução especializada e exemplificando o que cada uma abrange.

No capítulo 3, o autor aborda todos os processos da tradução (desde conseguir o trabalho até a revisão final e distribuição) e das partes envolvidas (fornecedor da tradução, tradutor, revisor etc.).

Na segunda seção, composta pelo capítulo 4, é possível verificar como os profissionais e o mercado estão divididos e organizados. O autor mostra que para o profissional que queira trabalhar nesta profissão há uma vasta gama de opções, não só na área a se especializar, mas também na forma como atuar (sendo assalariado em uma empresa de tradução, *freelance*, trabalhando para uma agência etc.) ou as quais tarefas irá se dedicar (terminólogo, pós-tradutor, pós-editor, revisor de tradução ou de texto

¹ Informações retiradas do site pessoal do autor. Disponível em: <<http://www.gouadec.net/indexDG.html>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

(*proofreader*), operador de qualidade, editor, entre outros). O autor conclui que a definição do que é um tradutor está mudando rapidamente e o profissional deve estar pronto para assumir as várias tarefas.

A terceira seção se dedica a elucidar o processo de formação do tradutor profissional. No capítulo 5, o autor identifica dois pontos de partida principais para a tradução profissional: setor linguístico e industrial (técnico). Esclarece, no entanto, que independentemente da origem, esses profissionais devem compartilhar qualidades como: maestria quanto às línguas envolvidas, competência multicultural, familiaridade com os domínios e clareza em relação ao que tradução significa. Os perfis de recrutamento variam de acordo com o tipo de trabalho, par linguístico, especialidades, formação acadêmica, experiência e familiaridade com softwares de tradução (*ICT skills*). O capítulo se encerra com uma tabela com características básicas que se aplicam a qualquer tipo de prática em tradução e que servem para colocar a profissão em uma perspectiva realista.

O capítulo 6 trata das escolhas que devem fazer os que optam por esta profissão. Após retomar mais uma vez, ainda que de maneira mais breve, as áreas para atuar, o autor discute a respeito da formação, apontando que deve ser levada em consideração a visibilidade e reconhecimento da instituição e a relação dela com o mercado de trabalho. Destaca ainda que é muito importante verificar se os egressos estão empregados, quais são as perspectivas dos mesmos e se estão preparados para futuras evoluções no mercado de trabalho. Nesse capítulo, o autor também traz informações sobre o trabalho assalariado ou *freelance* e termina dando dicas de como ingressar na profissão.

O capítulo 7 traz dicas e estratégias para o tradutor conseguir (e manter) clientes. Além do que é óbvio para qualquer profissional, o autor sugere excelentes formas de dar o “pontapé inicial” na carreira. Entre as dicas mais interessantes vale ressaltar a sugestão de que o “boca a boca” ainda é uma das formas mais eficientes de conseguir clientes e a especialização, a de aumentar os rendimentos.

A quarta seção discorre sobre várias questões relacionadas a valores, produtividade, qualidade e a interação com os diversos parceiros. Também discute sobre a ética, certificações e reconhecimento profissional.

Quanto à remuneração, no capítulo 8, o autor é bastante claro quando sugere que a melhor forma de cobrar pelo serviço é a tarifa por palavra. Ele discute detalhes regionais de como estas tarifas são determinadas, aponta o aumento na produtividade como forma de aumentar a renda e sugere algumas formas de alcançá-la.

² “[...] may also be viewed as a strategic, economic, ideological and cultural weapon [...]” (p. 9)

No capítulo 9, são descritos todos os possíveis parceiros que o tradutor pode vir a encontrar no desempenho de sua profissão. Novamente, ele lista uma variedade de profissionais, como gerentes, editores, clientes, agências etc., e como o tradutor deve lidar com eles.

No capítulo 10, o autor lista os princípios éticos que o tradutor profissional deve seguir. Estes princípios englobam regras básicas referentes à profissão, às relações profissionais (tradutor e empregador/cliente, tradutor e colegas, tradutor e outros tradutores) e ao pagamento, e, em geral, pregam: recolhimento de impostos, cumprimento de contratos de confidencialidade e prazos, trabalho dentro de suas competências, imparcialidade, transparência, garantia de revisão e *proofreading*, reconhecimento de parceiros de trabalho, competição e preços justos. Ainda que possam parecer óbvios, não o são, e é válida a listagem de tais princípios no sentido de reforçar a ética da profissão.

O capítulo 11 é destinado às certificações que o tradutor pode adquirir. São apresentadas desde as tradicionais ISO 900X/9000+, EN-15038 (*European Quality Standard for Translation Services*) e os próprios cursos universitários e profissionais de formação de tradutores até opções mais acessíveis como um kit individual de qualidade que inclua o detalhamento dos procedimentos de tradução, afiliação a associações de tradutores nacionais e regionais (e.g. ATA, OTIAQ, ASTM, SATI, NAATI), certificação pelos softwares utilizados e o padrão de qualidade DIN 2345, que é um guia de boas práticas e pode ser usado como indicador do padrão de qualidade do serviço.

O capítulo 12 discute a respeito do reconhecimento da profissão (ou falta de), titulações, qualificações e regularização. Em relação à certificação, o autor não defende se é realmente necessário exigir uma para atuar na área, nem como deveria ser dada, através de cursos universitários ou por uma certificação que comprove experiência, porém, enfatiza que o profissional deve ter competências, habilidades e aptidões para atuar e que se deveria haver um consenso de quais seriam elas para, então, formar um currículo de curso de formação de tradutores. Comenta ainda que alguns países (como Argentina, Canadá e Suécia) exigem um tipo de certificação para o exercício da profissão, mas eles são exceções; nos outros países apenas ao tradutor juramentado é exigido um teste de seleção. Afirma, também, que em alguns países é conferido um certificado aos profissionais que comprovem experiência na área. Já em outros, apenas há a formação de tradutores ofertada por universidades, e que esta formação nunca é igual, ainda que na Europa exista um reconhecimento nacional da profissão. Sobre se deve ou não regularizar os profissionais, exigindo uma certificação, o autor aponta os prós e contras.

Na quinta seção, o autor explora a automação do trabalho e a industrialização da profissão. No capítulo 13, é descrita a mudança do papel e caneta para os CAT (sigla do inglês *Computer Assisted Translation*, tradução assistida por computador), listando os equipamentos que devem ser providenciados, juntamente com todos os periféricos necessários para a prática da tradução. O autor enumera as funções básicas e especialidades necessárias para qualquer tradutor e ainda menciona ferramentas, recursos, sites, blogs e fóruns em um sem-fim de listas. Ele é bastante específico, apresentando inclusive os assuntos que são tratados em tais grupos de discussões. Finalmente, ao final do capítulo, menciona e descreve em detalhe o que são e para que servem os programas de Memória de Tradução (MT), incluindo uma lista atualizada de produtos disponíveis no mercado. Gouadec encerra o capítulo falando sobre a nova revolução dos aparelhos de reconhecimento de voz, que diz ser “[...] a revolução que está em andamento no momento”³.

O capítulo 14 discorre sobre os prós e os contras da automação. Se por um lado a revolução digital beneficiou os tradutores, permitindo que eles se conectem, trabalhem e pesquisem utilizando a internet, por outro lado, esta automação pode ser danosa para o “tradutor artesanal”. Um ponto importante que ele levanta é que quem realmente ganha com a globalização/automação são as grandes empresas, pois o tradutor só é pago pelo que realmente traduz - o que a máquina faz sozinha fica na mão das agências. O autor defende que a história de que a máquina irá substituir por completo o trabalho do homem é mito, pois a tradução automática demanda uma pós-edição. O melhor é se adaptar e aproveitar as novas oportunidades que a tecnologia pode fornecer. Este capítulo se encerra com uma discussão sobre as novas habilidades dos tradutores/revisores.

O capítulo 15 leva a revolução digital para o âmbito da indústria como um todo, comparando o que está acontecendo com o setor ao que aconteceu (e acontece) com a indústria de produtos. Ele utiliza metáforas e compara as características da tradução com a produção em massa de carros, roupas e outros produtos. A terceirização, a procura por fornecedores em países em desenvolvimento e a automação dos processos são palavras-chave neste capítulo. Além, é claro, de controle de qualidade e a busca incessante por ganhos em produtividade. Ele ainda compara os novos gerentes de projeto com os supervisores das linhas de produção. Finalmente, o autor nos apresenta os impactos que a industrialização causa em cada agente, processo e produto, ressaltando que há uma grande revolução acontecendo no mercado global.

³ “[...] revolution is on the march right now.” (p. 285).

No capítulo 16, sugere criticamente que os grandes beneficiados pelos efeitos da globalização / automação / internacionalização dos processos tradutórios são as grandes empresas, não os tradutores. Estas empresas são também as vilãs que contratam profissionais de países onde as tarifas são mais baratas.

A última seção, capítulo 17, versa sobre o treinamento de tradutores. O autor apresenta o resultado de duas pesquisas, uma com dados obtidos em classificados buscando tradutores e outra buscando estagiários. Baseado nisso, ele afirma que o mercado demanda uma formação generalista. A lista com as exigências “básicas” esperadas de um tradutor recém-formado é enorme, na verdade, ele deve estar preparado para tudo. O autor cita disciplinas que deveriam compor um curso de tradução, ressalta a importância do estágio, que atingiria 1/3 do curso e, a as habilidades que todos os cursos deveriam trabalhar, no entanto, cabe a cada instituição definir quais habilidades adicionais deverão ser acrescentadas conforme as necessidades do mercado de trabalho local. Também trata sobre os potenciais alunos e mercados para abrir cursos, sobre a validação dos mesmos e o treinamento de profissionais que atuarão na formação dos futuros tradutores, discutindo mais uma vez a necessidade de um trabalho conjunto entre universidade e mercado, professores e tradutores profissionais.

Em sua conclusão, Gouadec sugere que a profissão alcançou um estado de equilíbrio no que se refere à oferta de informação, à existência de associações profissionais, à relação dos tradutores com as ferramentas tecnológicas disponíveis e à organização dos próprios empregadores. Porém, ele reconhece que a situação da tradução e, principalmente, do treinamento de tradutores não é a mesma em países desenvolvidos e em desenvolvimento. Ele é enfático ao tratar da necessidade de conhecer e dominar as novas tecnologias, no entanto, afirma que nada tomará o lugar do tradutor que, ainda que assuma outros papéis no processo tradutório, sempre será necessário, visto que a tradução é, fundamentalmente, fruto de um contato social entre diferentes sujeitos.

Qualquer que seja o cenário é fato que a tecnologia assume e continuará assumindo um papel crucial na profissão e que os profissionais deverão se adaptar às mudanças, fato este que Gouadec enfatiza reiteradamente ao longo de sua obra. Ainda que este livro seja muitas vezes repetitivo e, por vezes, um tanto circular na argumentação, principalmente em função das intermináveis e até enfadonhas listas de competências e abrangências das mais diversas áreas de tradução, fazendo com que o leitor em muitos capítulos perca a noção do todo, ele se configura como um importante e profundo relato da profissão, pois mostra em detalhe e abrangência a complexa rede de variáveis que estão envolvidas no processo e no mercado da tradução especializada como

um todo. Sua leitura é mandatória para quem forma tradutores, atua ou ainda pretende trabalhar na área e se constitui também numa importante referência para a pesquisa e para complementação de informações, principalmente pelos inúmeros sites e endereços elencados ao longo dos capítulos.

Muriel Zerbetto de Assumpção

Mestranda em Estudos da Tradução - UFSC
(Bolsista Capes).

Luciana Graziuso

Mestranda em Estudos da Tradução - UFSC
(Bolsista Capes).

Thaís Collet

Doutoranda em Estudos da Tradução - UFSC
(Bolsista REUNI).

Ina Emmel

Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC.